

Vitória da nossa soberania

— Aquino de Bragança, do Centro de Estudos Africanos

Entrevista de Teresa Lima

p.7 Dom. 18/3/84

O professor Aquino de Bragança, estudioso dos problemas da África Austral há uma vintena de anos, primeiro como jornalista, durante a luta anti-colonial e nos tempos mais recentes como Director do Centro de Estudos Africanos, cujo trabalho principal consiste na investigação da problemática desta região, concedeu uma entrevista para «Domingo» e Rádio Moçambique, na qual sublinha a importância histórica do Acordo de Nkomati.

PERGUNTA — Prof. Aquino o que pensa do Acordo de Nkomati?

RESPOSTA — Julgo que após os Acordos de Lusaka, que puseram fim à longa guerra colonial, os Acordos de Nkomati ponham fim a esta outra guerra, muito mais pernicioso, porque não declarada, que a República sul-africana nos move. Esperamos nós, que o Povo moçambicano, que há mais de vinte anos vive em guerra, poderá, enfim, viver num futuro próximo, num oásis de paz e boa vizinhança, para, assim, construir o seu futuro.

P. — Quanto a si, o que terá levado os sul-africanos à mesa das negociações?

R. — Aparentemente, verifica-se uma revisão das nossas posições, o que não é verdade. Em primeiro lugar, quero dizer que a FRELIMO sempre pretendeu a paz. Fez a guerra, para ter a paz, não somente para o Povo moçambicano, mas também para a África Austral. A FRELIMO encontrou-se confrontada com a África do Sul, numa guerra não declarada, e a preocupação dos nossos dirigentes, sob a direcção do Presidente Samora, era pôr fim a esta guerra, mas não a todo o preço, era preciso garantir a nossa soberania. Creio que é neste momento preciso que as condições se criaram para alcançar este fim, nas premissas da estratégia samoriana. Constatou-se, nas vésperas do Acordo um isolamento mais profundo da República sul-africana, do regime do «apartheid», devido à pressão dos seus aliados directos, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, que hoje me parecem, ter revisto as alianças que pareciam ser incondicionais com o

regime de Pretória. Porque esta revisão por parte dos Estados Unidos, dos aliados da República sul-africana? A resposta para mim é clara. Não há nenhuma dúvida que a resposta está no sucesso da diplomacia samoriana, da diplomacia da República Popular de Moçambique. Como se sabe, o Presidente Samora tem trabalhado incansavelmente nestes últimos anos, para no seu diálogo com os aliados da África do Sul, lhes mostrar que muito ao contrário daquilo que eles pretendem, ao dar um apoio incondicional à África do Sul — contribuiriam para a criação de uma situação muito desfavorável à sua presença nesta região. Explicando melhor: o facto de darem apoio à África do Sul nos seus projectos desestabilizadores nesta região, não iria garantir o reforço da sua presença na África Austral. Os países ocidentais, principalmente os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, têm uma grande presença de capital, investimentos de grande importância na África do Sul e pretendem em conformidade com as leis do mercado e as leis do capitalismo aumentar a sua presença nesta região. A instabilidade introduzida não serviria de maneira alguma aos interesses dos Estados Unidos. O próprio facto da existência de uma situação desestabilizadora, levaria os países, como Angola e Moçambique a solicitarem maior apoio aos seus aliados, os países socialistas. Os americanos parece terem compreendido isso. Os primeiros anos da Administração Reagan foram caracterizados por um reforço da aliança com o regime de Pretória. Hoje os colaboradores de Reagan, para a zona da África Austral, nomeadamente Chester Crocker, Frank Wisner e outros chegaram à conclusão de que Moçambique é um país soberano e que muito ao contrário do que pensavam, não é um país satélite e que os centros de decisão política, económica e militar se encontram em Maputo. Viram portanto que todos esses factores eram garantias para a sua presença económica nesta região.

Chegaram também à conclusão que a política sul-africana de desestabilização não servia os seus interesses estratégicos.

O isolamento da África do Sul

é o reverso da medalha do brilhante sucesso da diplomacia moçambicana.

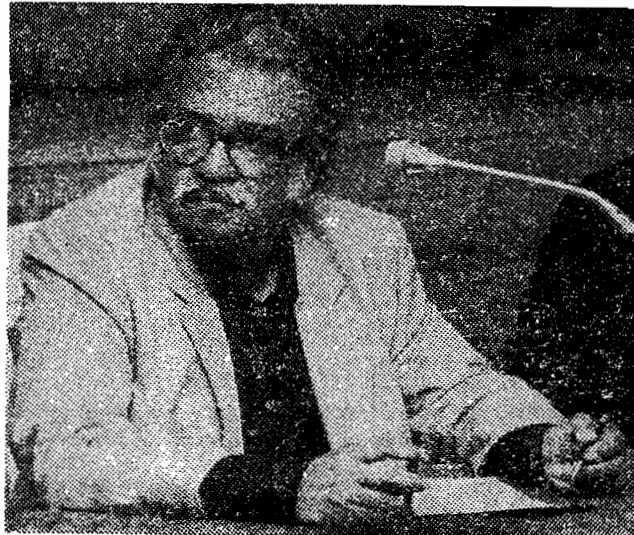
Em segundo lugar, quero referir-me à crise económica da República sul-africana, que é uma dupla crise. Uma crise de estrutura e uma crise de conjuntura. A crise de estrutura é uma crise permanente, que não acabará a não ser com a liquidação do regime do «apartheid», que se apoia numa exploração de mão-de-obra baratíssima, pelo capitalismo. Esse tipo de exploração não permite hoje o crescimento do próprio capitalismo e portanto a República sul-africana está em crise. A crise de conjuntura é o reflexo da crise mundial, a acrescentar às guerras movidas pela África do Sul. Essa crise provocou, no espaço de três ou quatro anos, o decréscimo da economia sul-africana, que era de mais 3%, a menos 3% negativo. No próprio «establishment» do regime, encontram-se partidários que ontem defendiam a existência de uma guerra preventiva e que hoje afirmam não ser suportável por mais tempo os custos de uma guerra em Angola, de garantir um regime fantoche na Namíbia e de apoiar bandos armados em Mo-

çambique. É um preço muito caro, que poderia levar a uma crise muito grave e que poderia meter, o próprio sistema em questão. Os custos da guerra hoje são fenomenais. A África do Sul já gasta anualmente mais de 1,5 bilião de dólares na Namíbia, e outro tanto talvez com gastos de soberania para sustentar a sua presença neste território.

A acrescentar, há a guerra em Moçambique, as dificuldades de recrutar mão-de-obra branca especializada para as suas indústrias e recrutar igualmente brancos para o seu exército, principalmente para os postos de chefia.

Todos estes pontos levaram a África do Sul a aceitar esta proposta de Moçambique para discutir uma política de boa vizinhança e não agressão.

Outro ponto assinalável e de grande importância é de que a África do Sul, sofreu, nas últimas semanas, uma grande derrota movida pelo exército angolano que hoje se encontra reequipado, reorganizado para poder responder, não só à agressão sul-africana, mas para poder levar a guerra ao próprio território sul-africano.



Aquino de Bragança

P. — Acha que o Acordo de Nkomati vai se reflectir a curto prazo, na acção dos bandos armados em Moçambique?

R. — Bem, eu não sou profeta. Não posso responder a essa pergunta com uma resposta linear. Evidentemente, eu conto que os sul-africanos saberão respeitar a palavra dada, a letra e o espírito dos Acordos. Se eles respeitarem o espírito dos Acordos, naturalmente os bandos armados têm um futuro bastante limitado. É opinião geral dos observadores todos, muitos deles que até nem são favoráveis ao nosso regime, que os bandos armados são armados pela África do Sul. Portanto, no momento em que a África do Sul parar de dar o apoio aos bandos armados, eles, passarão a ser simplesmente bandoleiros que o nosso exército se encarregará de limpar.

P. — E quanto ao ANC, acha que sairá prejudicado com o Acordo de Nkomati?

R. — O ANC terá que repensar esta nova situação, que os parece ter, numa certa medida, surpreendido. Com os anos da independência, com a criação da República Popular de Angola e da República Popular de Moçambique, uma nova situação tinha sido criada nos anos de 75 que levou a um rápido crescimento de Organizações, que na legalidade, assumem os valores que defende o ANC, no interior do país. O ANC cresceu de uma maneira espectacular no interior do país e há hoje uma luta em que organizações frontistas muito largas, que defendem abertamente os ideais de liberdade, que o ANC defendeu sempre no interior do país, como por exemplo a Frente Democrática Unida, os sindicatos, onde milhares de trabalhadores sul-africanos estão engajados numa luta contra o capital, eu penso que estes novos factores poderão garantir ao ANC que o seu combate não será em vão.

O Congresso Nacional Africano (ANC) pode esperar da Frelimo um apoio moral, diplomático e político que o Presidente Samora tem bastantes vezes afirmado. Mas a Frelimo não se pode substituir ao ANC para a libertação do povo, pois que as revoluções não se fazem por procuração.